

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## S. GUALTER DE GUIMARÃES. ENSAIO BIOGRÁFICO.

GONÇALVES, Aloísio Tomás

Ano: 1922 | Número: 32

---

### Como citar este documento:

GONÇALVES, Aloísio Tomás, S. Gualter de Guimarães. Ensaio biográfico. *Revista de Guimarães*, 32 (2) Abr.-Jun. 1922, p. 155-163.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# S. GUALTER DE GUIMARÃES

## ENSAIO BIOGRÁFICO

*Do «Boletim Mensal das Famílias Católicas», apreciável revista bracarense, iremos transcrevendo o esforço beneditino que o rev. Aloisio Tomás Gonçalves revelou em tal estudo.*

*No breve tempo que em Guimarães passou, o seu bem culto espirito produziu um trabalho de investigação histórica sobre a acção de S. Gualter nesta cidade, que muito deve interessar os amantes de antigualhas, mormente num rincão onde as «Gualterianas» tanto brilho revestiram em recentes anos.*

*Ao douto investigador devemos ainda agradecer a ligeira revisão expressamente feita, sobre o «Boletim», para a nossa «Revista».*

### I

Na Primavera de 1217, reünia S. Francisco, provavelmente pela quinta vez, os seus frades em capítulo. <sup>(1)</sup>

Numerosa foi e notável aquela santa assembleia <sup>(2)</sup>, e importantes os assuntos e as comunicações, que o apostólico varão tinha para fazer.

<sup>(1)</sup> O Dr. Holzapfel inclina-se para opinião daqueles que julgam ter-se celebrado capítulo anualmente desde 1212 a 1221. Em tal caso este de 1217 seria o quinto.

<sup>(2)</sup> Passados apenas quatro anos mais, em 1221, juntaram-se, em volta da Porciúncula, cerca de cinco mil frades, que, de diversos pontos da Europa, acorreram a visitar o Santo Fundador, em sua volta do Oriente. E' este capítulo de 1221 o conhecido pelo nome de *Capítulo das Esteiras*.

Resolvida a dúvida, que o angustiava, sôbre o género de vida a que Deus o destinaria — se à vida activa ou à contemplativa (1) — empreendera já uma viagem ao Oriente afim de prègar o Evangelho, — viagem que uma tempestade frustrou, — e acabava de chegar de uma segunda pelas longínquas e afastadas regiões da Ibéria.

Com estas excursões alargavam-se-lhe as ambições de apostolizar todo o mundo, encendia-se mais o zêlo pela reforma dos costumes cristãos, a ânsia de semear por tôda a parte o desprêzo do mundo, a paz de Cristo pela prática do Evangelho.

Além disso a resolução de aumentar a família religiosa, que fundara, de construir conventos, onde os membros dela pudessem viver, nos intervalos não dedicados à prègação, e onde se pudessem dar aos exercícios de piedade, oração, meditação e lição necessária ao múnus de prègador, — resolução radicada, e definitivamente abraçada junto do túmulo de S. Tiago, — ainda não tinha sido comunicada dum modo autêntico e, por assim dizer, official. Urgia fazê-lo, para que os Irmãos, dispersos pela Europa e Ásia soubessem como deviam proceder, no caso, tanta vez repetido, de serem instados a constituir morada fixa em algum lugar.

Na recente viagem empreendida aos confins da Europa occidental, instantes e numerosos pedidos de missionários lhe foram feitos, pelos povos que ia visitando.

A êsses pedidos prometera satisfazer, logo que se encontrasse de regresso a Santa Maria dos Anjos. Para o que necessitava de reunir os Irmãos, afim de fazer a escolha dos mais aptos para as diversas nações, a que iam ser enviados.

Na distribuição, tocaram providencialmente a Portugal os santos Fr. Zacarias e Gualter, a quem a cidade de Guimarães e a vila de Alenquer até hoje vem venerando como a insignes padroeiros.

\*

---

(1) Vid. Fioretti, cap. XV, *Como Santo Francesco dubitò qual dovesi fare, o predicare ó orare*; traduc. portuguesa de P. A. Tomás Gonçalves, Braga, 1917.

Por deduições cronológicas <sup>(1)</sup> se apura que S. Francisco, tendo-se-lhe frustrado em 1212 a missão do Oriente, tomou no ano seguinte, ou ainda no de 1212, o rumo de Espanha, com intenção de passar a Marrocos, no intuito de prègar aos mouros a Lei evangélica. A Marrocos não chegou, se à Espanha veio, — como afirma a tradição constante, nunca sèriamente posta em contradita. E recolhendo desta viagem, dirigiu-se à Porciúncula, onde, de volta de suas excursões apostólicas, parece ter sido estipulado haverem de congregar-se os santos companheiros. Há provas destas periódicas reuniões a principiarem de 1210, ou de 1212, como quer o Dr. Holzapfel.

Reüniam-se para celebrar *capítulo*, ou na festa de S. Miguel, em Setembro, ou na solenidade de Pentecostes. Estes capítulos não eram o que comumente se entende sob êste vocábulo, mas simples reuniões tendentes a se afervorarem no encetado teor de vida, a se comunicarem o que de notável pudera ter-lhes acontecido.

Depois de passarem algum tempo juntos, em doce e fraternal convívio, novamente se espalhavam pelo mundo; umas vezes consoante a própria inspiração, outras debaixo de determinada obediência.

Desta vez foi a segunda maneira que prevaleceu. S. Francisco teve que honrar os compromissos tomados, e mandar religiosos àquelas partes, onde lhos tinham pedido e para onde os prometera.

A Portugal, como dissemos, vieram Zacarias e Gualter, cujos nomes chegaram até nós aureolados da veneração popular e culto eclesiástico. Com êles outros mais vieram, mas nem do número nem dos nomes se faz a mais pequena menção nas crónicas gerais ou particulares da Ordem.

Eis como o P.<sup>o</sup> Esperança, no capítulo VII da *História Seráfica*, descreve a vinda dos emissários franciscanos «a estes reinos» de Espanha e Portugal.

(1) Vid. os n.<sup>os</sup> do *Boletim Mensal* correspondentes aos meses de Agosto, Setemb., Out., Novemb. de 1914, e de Janeiro de 1915, onde publicámos sob a epígrafe *Um centadário* um pequeno estudo acerca da vinda de S. Francisco a Portugal.

E' um trecho de prosa duma dulcíssima melopeia e suavidade, fragrante de ternura e saudosa afeição: «Em Italia assistia com o corpo o nosso amantíssimo Padre, mas o coração estaua em Portugal, desejando enviar-lhe alguns frades, assi pela devação e amor, que achou nelle, como tambem pela palaura que tinha dado á Villa de Guimarães. He certo, que lhos mandou do primeiro capitulo geral que celebrou em Assis, no qual fez delles hua grande repartição pelo mundo, cujo remedio da sua parte apressava quanto lhe era possivel; e isto executou no anno de 1216, em que teve o sobredito capitulo, conforme ás boas contas de a) frei Lucas, b) frei Artur e c) Mariano de florença com outros muitos autores, contra d) frei Marcos, e e) Gonzaga os quaes referem tudo para o anno seguinte. Neste tempo enviou a Portugal os santos Frei Zacharias, e frei Gualter com outros dous companheiros, cujos nomes não sabemos: mas todos na criação seus discipulos, e dos varões mais insignes em virtude, que se acharão naquella congregação. E chamandoos diante dos Padres della pera lhes notificar a missão, em os vendo obedientes, e promptos, lhes disse estas palavras, f) que costumava dizer nas mesmas occasiões.

*«Filhos eu vos tenho destinados pera prégardeis no reino de Portugal. Aveis de ir de dous em dous, em nome do Altissimo Senhor, o qual vos guarde e ajude no caminho. E lembrai-vos, que ele vos encommenda a salvação de muita gente. Pelo que trabalhai por prégardes penitencia: mas sejam vossas palauras acompanhadas de obras, porque neste caso o exemplo monta mais, que a doutrina. Ha de ser tão humilde, e tão santa a vossa conversação, que quem vos vir, e ouvir, em vós mesmos glorifique o vosso Eterno Padre. Anunciai com alegria a paz do ceo, da qual sois embaixadores, e não escandalizeis nem ainda a o maior peccador, porque a todos deuemos suaue correspondencia,*

a) an. 1216 n. I.

b) in Martyr. 20. Januar. in cômét. § 4.

c) l. I. c. 12. § I.

d) p. 1. l. I. c. 48.

e) pag. 793.

f) frei Lucas an. citad. n. 5.

*e aquelles que agora nos parecem sequazes do demonio, amanhaam poderão ser fieis discipulos de Christo. Leuai sempre pelos caminhos recolhidos nossas almas na contemplação de Deus; que deste modo vivereis em perpetua clausura dentro da cella do corpo, se o espirito não andar vaguezando pelo mundo. Encommendovos tambem o amor da Senhora Pobreza, e quando vos achardes mais apertados da fome, g) largai então vosso cuidado a Deus, o qual vos sustentará co as migalhas da sua meza, pois correis por conta delle. Ide, filhos, co a benção do Senhor, e nada vos embarace, porque esta he a sua santa vontade.* Em particular advertiu a S. Gualter que fosse fundar em Guimarães o convento que lhe tinha promettido. E levantandoos da terra, onde estauão prostrados a seus pés, coos braços abertos os metteo no coração, e co as lagrimas nos olhos se acabou de despedir.

«Na mesma hora se puzerão a caminho estes venerais padres, á sombra daquelle servo de Deos, frei Bernardo de Quintaval, que vinha por prelado dos conuentos de Hespanha: todos a pé e descalços, sem alforge nem viatico, senão só a confiança em Deos, e o merecimento da santa obediencia, escrita em dous dedos de papel, a qual trazião no seio, a dentro do coração juntamente co a regra. Caminhavão em silencio profundo, e alta contemplação da primeira lus do dia até a hora de terça, e depois tinham licença para poder conversar nos mysterios do ceo, ou na conversão das almas, sem se ouvir entre elles hua palavra ociosa. Se no caminho achauão Crus, ermida ou igreja, logo se ajoelhavão, e fazião oração dizendo estas palauras que já tinham ouvido a seu mestre. *Adoramos vos, Senhor Jesu Christo, aqui, e em todas as igrejas, que estão edificadas no mundo; e vos damos muitas graças, porque pela vossa santa Cruz redemistes o mesmo mundo.* Entrando nalgum lugar, primeiro que tudo uestitavão a igreja, e depois tratauão do que convinha. Ao pôr do Sol se punhão em oração, e á meia noite posto que faltasse lume para rezarem matinas, nem por isso

---

g) Ps. 54, v. 23.

deixauão de espertar e de cantar lououres santos á divina Majestade.

«A quantos encontrauão nas ruas, ou nas estradas saudauão com aquellas suavissimas palavras, que nosso Padre santissimo lhes avia ensinado: *o Senhor vos de a sua paz.* E logo era tanto o feruor, com que pregauão, que todos estremecião. Deste modo vieram sempre caminhando, sem perderem occasião de enviar algumas almas ao ceo. *h)* Mas como pareciam homens mortos por resão da penitencia, e vinhão amortalhados num pedaço de burel, este habito grosseiro, e remêdado, o qual era estranho em muitas terras, a huns causava horror, a outros admiração. Alguns se lhes mostrauão deuotos, muitos os tinhão por loucos, e outros fugião delles, receando que debaixo daquellas pelles de ovelha estiuesses embuçada a fereza dalguns lobos carniceiros, e que fossen embusteiros, e hereges, como muitos, que naquelles tristes tempos decião de Italia em chusmas. Em alguns lugares os receberão tão mal, q. nem ás portas, para pedirem esmola, os queriam consentir, afrontando por ladrões a os que erão dispenseiros fidelissimos das misericordias de Deus. E nestes apertos não tinham outro abrigo pelo discurso da noite nos logares e nos montes, se não era ou as portas das Igrejas, ou os alpêndres abertos, ou o paulhão do ceo. Porém como se auião de lavar as pedras fundamentaes da nossa religião neste reino, se não fosse com o ferro destas, e doutras tribulações?

«Muitas vezes caminhauão tão quebrantados da fome, e mais da sede, que só o espirito lhes alentava os corpos. Se bem, nalgvas occasiões os recreava o mesmo Senhor do ceo por meios particulares, e escondidos de sua grande clemencia. *i)* E assi aconteceo passarem hum dia entre altissimas serras, onde os raios do Sol, que estauão ferindo fogo, co a fraqueza dos corpos por falta de mantimento, os tinhão desfallecidos; e chegando a hua fonte, o seruo de Deos frei Bernardo de Quintauel lhes mandou fizessem todos sobre ella o sinal da Crus, e lhe lançassem a benção,

*h)* Fr. Luc. 1209 e 1216. n. 5.

*i)* Fr. Luc. cit. ann. 1216. n. 6.—*Chronic. antiq.* Marianus, etc.

cuja virtude sentindo em si a agua se mudou logo em vinho. Beberão todos e refazendo as suas forças proseguirão a jornada até entrarem no districto de Castella, onde se deixou ficar o dito padre F. Bernardo co a sua comissão, e os santos F. Zacharias, e F. Gualter decerão a este reino.»

Longa, que não só penosa deve ter sido a viagem dos servos de Deus. A maneira de viajar evangelizando, instifuída e praticada pelo Fundador, fazia que ao transportarem-se dum para outro lugar, se detivessem a cada passo, para «não perderem occasião de enviar algumas almas para o ceo;» levando-lhes meses e meses um caminho aliás vencível em muito menos espaço de tempo.

Por conselho e exemplo de S. Francisco, onde quer que se lhes deparavam ouvintes abriam prègação. Não escolhiam lugar nem tempo. Nas igrejas ou nas praças, nos campos ou nas aideias, a toda a hora do dia, subindo-se a uma pedra, aos degraus duma escada, a um banco, prègavam ousadamente «anunciando-lhes os vícios e as virtudes, a pena e glória.» (1) Depois seguiam seu caminho, um após outro, à formiga, para se não distraírem da meditação íntima em conversações de passa-tempo, absortos no ideal da perfeição evangélica em que tinham fitos olhos e aspirações. Ora dois a dois, ora em grupos de maior número (2), causava justificada estranheza, e sobressalto ver passar, pelas estradas e caminhos, tam singulares figuras, de olhos baixos ou desatentos, marchando silenciosos, extáticos; saudando em curtas e conceituosas palavras; vestindo insólitos e nunca vistos trajos — uma longa túnica, de grosseiro pano, cuja côr se confundia com o pó dos caminhos; descalços e cabeça descoberta;

(1) Regula II, cap. IX, in «Opuscula S. Francisci», pág. 71.

(2) No capítulo de Pentecostes celebrado em 1217 foram enviados «á Espanha frei Bernardo de Quintaval, acompanhado de muitos outros irmãos, a fim de lá continuarem a começada obra da fundação de conventos e missões... O Santo mandou para a Provença *trinta irmãos* sob a obediência de fr. João Bonelli e fr. Maldonado de Florença, etc., e para a Alemanha fr. João de Pena com *mais sessenta companheiros*. (S. François de Assise, pelo P. Bernard d'Andermatt, chap. XXII, pág. 313, Tom. I).

por vezes, acordando a paz dos campos com sonoro e ininteligível cantar. Excitados pela contemplação directa da natureza, na intimidade da qual viviam continuamente, deslumbrados pelos formosos panoramas que, à medida que se iam afastando do conhecido e tanta vez trilhado vale da Úmbria, descobriam, afrouxavam um pouco da concentração espiritual e repetiam, ora alternada, ora conjuntamente, o sublime *Canto das Criaturas* que o Seráfico poeta compusera :

- «Altíssimo, omnipotente e bom Senhor,
- «a Ti pertencem os louvores, a glória, a honra e tôdas as bênçãos,
- «a Ti só, Altíssimo conveem.
- «E nenhum homem é digno de pronunciar o Teu Nome;
- «louvado sejas, Senhor, com tôdas as Tuas criaturas,
- «especialmente meu senhor o irmão sol,
- «que nos dá o dia, e por quem Tu nos alumias,
- «e que é belo e radiante e que, pelo seu grande esplendor,
- «de Ti, ó Altíssimo, nos traz a imagem.
- «Louvado sejas, Senhor, por nossas irmãs a lua e as estrêlas,
- «que Tu no céu criaste, claras, preciosas e belas.
- «Louvado sejas, Senhor, por nosso irmão o vento,
- «pelo ar e pelas nuvens, pelo sereno e por todo o tempo,
- «por quem dás a tôdas as tuas criaturas o sustento.
- «Louvado sejas, Senhor, por nossa irmã a água,
- «que é muito útil e humilde e preciosa e casta,
- «por quem Tu iluminas a noite.
- «Louvado sejas, Senhor, pelo irmão fogo,
- «o qual é belo e jucundo e robusto e forte.
- «Louvado sejas, Senhor, por nossa irmã, a mãe terra,
- «que nos sustenta e suporta,
- «e produz diversos frutos, e flores coloridas, e as ervas.
- «Louvai e bendizei ao Senhor, e dai-Lhe graças.
- «E servi-O com grande humildade.»

Conquanto só alguns anos mais tarde é que esta extraordinária lírica foi composta em sua forma última, permita-se-nos o anacronismo material em graça da verdade histórica, pois sabido é quanto logo desde o alvorecer da juventude, S. Francisco foi amante do cantar poético, e quanto o amor das belas canções se afirmou e desenvolveu em sua conversão. Consta isso

do que se passou entre êle e uns ladrões, que, atraídos pela voz do santo, lhe saíram para o roubar; mas logo, gradados no que intentavam — naquele mesmo dia tinha Francisco renunciado à herança paterna — espancando-o, lhe perguntaram quem era: «Eu, respondeu, sou o cantor do grande Rei.» (1) Já em 1213, «tendo feito construir uma capelinha entre San Gemini e Porcária, mandou pintar no frontal do altar inscrições como estas:

- «*Todos os que amam o Senhor devem Louvã-Lo.*
- «*Cêus e Terra, louvai ao Senhor;*
- «*louvai-O, tôdas as águas correntes;*
- «*criaturas tôdas, louvai ao Senhor.*
- «*Aves do céu, louvai ao Senhor* (2).

Falaremos mais adiante do método da prègação franciscana nos primitivos tempos da Ordem, e se verá então a importância que S. Francisco dava à poesia e ao canto, para atrair os homens a Deus e arrancá-los das vaidades terrenas.

(1) Respondit sic profetice: «*Præco sum magni Regis*»  
(Offic. Brev. die IV oct.)

(2) Wadding. ann. 1213.